



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE  
LICENCIATURA EM LETRAS  
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA LUCIVANIA DA SILVA BERNARDINO

**UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DAS PROTAGONISTAS DO  
ROMANCE *AS MENINAS* – LYGIA FAGUNDES TELLES**

João Pessoa

2020

MARIA LUCIVÂNIA DA SILVA BERNARDINO

**UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO  
DAS PROTAGONISTAS DO ROMANCE AS *MENINAS* – LYGIA FAGUNDES  
TELLES**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne

JOÃO PESSOA – PB

2020

**Catálogo na publicação Seção de  
Catálogo e Classificação**

S586a Silva, Maria Lucivania da.

Uma análise da construção das protagonistas do romance  
As Meninas - Lygia Fagundes Telles / Maria Lucivania da  
Silva. - João Pessoa, 2020.  
0 38 f.

Orientação: Luciana Eleonora de Freitas Calado  
Deplagne.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Centro de Ciências Humanas Letras e Artes. I.  
Deplagne, Luciana Eleonora de Freitas Calado. II.  
Título.

UFPB/CCHLA

Banca Examinadora

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne

(Orientadora)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Franciane Conceição da Silva

(membro)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Alyere Silva Farias

(membro)

Janile Pequeno Soares

---

(suplente)

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer à Deus, por todas as possibilidades que nos permite. Aos meus professores que contribuíram, cada um ao seu modo, com seus conhecimentos e experiências, em especial, minha orientadora Luciana Eleonora, pela dedicação e empenho que dispensa com tanto afinho aos seus orientandos.

Agradeço ao meu marido e ao meu filho por estarem ao meu lado, incondicionalmente, apoiando e acreditando sempre na minha capacidade.

Por fim e, não menos importante, quero agradecer à Universidade Federal da Paraíba por tudo que consegue nos oferecer – e não é pouco – para que nos tornemos profissionais capacitados e humanizados.

"(...). Quero te dizer que nós as criaturas humanas, vivemos muito (ou deixamos de viver) em função das imaginações geradas pelo nosso medo. Imaginamos consequências, censuras, sofrimentos que talvez não venham nunca e assim fugimos ao que é mais vital, mais profundo, mais vivo. A verdade, meu querido, é que a vida, o mundo dobra-se sempre às nossas decisões. (...)"

Lygia Fagundes Telles, *As Meninas*

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise das três protagonistas da obra *As Meninas* (1973) de Lygia Fagundes Telles. Vamos analisar a construção de cada uma das personagens, tendo como base as transformações do universo feminino que, naquele momento, ratificavam conquistas importantes como a liberdade de pensamento e a realização individual. Para isso, essa análise será embasada na crítica literária feminista, com foco nas abordagens de pesquisadoras brasileiras integrantes do GT da ANPOLL, Mulher e Literatura, como: Lúcia Zolin, Rita T. Schmidt, Susana Funk, bem como estudos sobre História das mulheres no contexto brasileiro dos anos 70 do século XX. A análise das personagens será voltada para a forma como se comportam diante da liberdade de escolhas que as mulheres alcançaram na sociedade vigente, uma vez que a liberdade sexual estava em debate na sociedade e, as mulheres reivindicavam o direito de fazer suas escolhas com mais autonomia.

Palavras-chave: Personagens Femininas; Crítica Feminista; As Meninas; Opressão; Transgressão.

## **ABSTRACT**

This present paper aims to, make an analysis about the three protagonists of the writing *As Meninas* (1973) from Lygia Fagundes Telles. We will analyze the moral construction of each one, based on the transformations of the female universe that, at that moment, ratified important achievements, such as freedom of thought and individual achievement. For this, this analysis will be based on feminist literary criticism, focusing on the approaches of Brazilian researchers from the ANPOLL WG, Women and Literature, such as: Lúcia Zolin, Rita T. Schmidt, Susana Funk, as well as studies on the History of women in Brazilian context of the seventies of the twentieth century. The analysis of the characters will be focused on the way they behave morally in face of the freedom of choices that women have achieved in the current society, since sexual freedom was under debate in society, and, women claimed the right to make their choices with more autonomy.

**Keywords:** Female Characters; Feminist Criticism; The Girls; Oppression; Transgression.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
1. AS <i>MENINAS</i> : CONTEXTO E RESISTÊNCIA À REPRESSÃO.....	11
1.1. Contexto político de publicação da obra <i>As Meninas</i> , de Lygia Fagundes Telles.....	11
1.2. Emancipação feminina: Breve histórico sobre as lutas feministas da década de 1960 e 1970 .....	15
1.3. Alguns apontamentos sobre a crítica feminista e autoria feminina no Brasil.....	20
2. O conjunto da obra de Lygia Fagundes Telles.....	23
2.1. Lorena: Sensibilidade e poesia em meio ao caos.....	26
2.2. Lia: Ativismo social.....	29
2.3. Ana Clara: Fuga pelo entorpecimento.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS .....	37

## INTRODUÇÃO

Ao longo da história, a escrita literária sempre foi representada por homens que faziam parte, sobretudo, da classe social dominante. Hoje em dia, a partir dos estudos da Crítica feminista literária, sabemos que as mulheres escrevem desde sempre, no entanto, foram silenciadas para dar vez ao papel social que lhes foi imposto, o de coadjuvante do homem. No século XIX, houve uma produção literária de autoria feminina muito importante, porém, as escritoras eram condicionadas a escrever dentro de uma proposta que ratificasse o papel da mulher como mãe e esposa. Dessa forma, essa literatura não ganhava prestígio social, era uma espécie de contentar as mulheres que queriam escrever, porém, mantendo-as no lugar pré-definido de sempre. Apesar dessas circunstâncias, houve aquelas que não se conformaram com esses padrões e, escreveram obras importantes em que a mulher é inserida em contextos diferentes daquele já habitual. A partir do século XX, a literatura escrita por mulheres ganha novos contornos, o feminismo como movimento social, expõe questionamentos sobre a posição social da mulher e sua presença no universo literário.

Este trabalho consiste em analisar a construção das protagonistas do romance *As Meninas*, de Lygia Fagundes Telles<sup>1</sup>, em uma época marcada por transformações dos papéis sociais relegados à mulher na sociedade. O interesse em analisar a obra, parte da curiosidade em entender como essa mulher escritora, transgrediu regras impostas por uma sociedade machista e, conseguiu construir uma narrativa de grande qualidade artística e literária.

A escritora Lygia Fagundes Telles, consagrada na literatura brasileira, é considerada uma das representantes do Pós-Modernismo brasileiro, sua obra reflete as problemáticas do universo urbano do século XX, exteriorizando os dramas do homem contemporâneo através de narrativas que versam sobre conflitos íntimos e familiares.

Lygia considera seu romance, *Ciranda de Pedra* (1954), como marco inicial de suas obras completas, assim como Antonio Candido, que considera ser essa, a obra em que a autora alcança a maturidade literária.

A década de 1970 foi de intensa atividade literária e marca o início da sua consagração na carreira. Lygia publicou alguns de seus livros mais importantes: *Antes do Baile Verde* (1970), *As Meninas* (1973), *Seminário dos Ratos* (1977), o livro de contos *Filhos Pródigos* (1978), *A Disciplina do Amor* (1980).

Desde então, a escritora produziu diversas obras entre; romances, contos e outros textos. Todos os seus trabalhos foram premiados pela excelência na sua escrita. A consagração

---

<sup>1</sup> TELLES, Lygia Fagundes. *As Meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

definitiva viria com o Prêmio Camões (2005), distinção maior em língua portuguesa pelo conjunto de obra.

O romance *As Meninas* (1970), escolhido como nosso objeto de estudo, foi produzido no auge da ditadura militar no Brasil, é uma obra comprometida com o seu tempo, pois tem como pano de fundo os infortúnios, pelos quais a sociedade foi submetida. Esse romance rendeu à escritora os três principais prêmios literários brasileiros: o Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro; o Coelho Neto, da Academia Brasileira de Letras; e o de ficção, da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA).

Diante do cenário nacional que incomodava toda a sociedade, a autora foi além da escrita dessa obra como forma de engajamento na realidade brasileira. Em conjunto com mais de mil escritores e intelectuais, entregaram ao ministro da justiça, na época, Armando Falcão, um manifesto contra a censura; o Manifesto dos Mil. Esse ato de manifestação por parte dos intelectuais deu origem a outros manifestos com visibilidade internacional.

No primeiro capítulo, apresentamos o contexto histórico brasileiro em que a obra foi produzida. Em meio a um regime político de repressão, a cultura, de forma geral, sofreu grandes retaliações por parte do regime, culminando em censura a diversas obras literárias. Veremos, ainda, como o Movimento Feminista abriu caminhos para a emancipação da mulher, conferindo-lhe direitos sociais e, realização pessoal e profissional. Temos, também, reflexões em torno da Crítica literária feminista, movimento organizado para transformar a condição de subjugada da mulher na literatura. A finalidade de tal movimento, consiste em modificar o papel de subordinação da mulher, que através dos discursos “sacralizados pela tradição” classificou-a sempre como submissa e resignada, mesmo contra a sua vontade.

No segundo capítulo, apresentamos um panorama da obra de Lygia Fagundes Telles e suas principais características. A partir de então, analisaremos como Ana Clara, Lia e Lorena, protagonistas do romance *As Meninas*, se comportam para com suas escolhas, diante de uma sociedade marcada pelas transformações do universo feminino, trazendo questionamentos sobre esse lugar ocupado pela mulher na sociedade. As personagens buscam conferir novos significados para os papéis de gênero, tanto como construção ideológica, como discursiva.

## 1. AS MENINAS: CONTEXTO E RESISTÊNCIA À REPRESSÃO.

### 1.1. Contexto político de publicação da obra *As Meninas*, de Lygia Fagundes Telles.

O livro *As Meninas* (1973), de Lygia Fagundes Telles, foi lançado no momento em que o Brasil passava por um período de extrema repressão, instituída pelo regime militar. O Ato Institucional nº 5, em dezembro de 1968, veio extinguir, sobremaneira, a atuação da oposição ao governo. No que tange à produção cultural, a liberdade de expressão foi amplamente atacada e, qualquer manifestação artística contrária às ideias do regime era totalmente impedida de circulação social. Houve diversas apreensões na produção de livros, porém, foi a forma de expressão artística que mais conseguiu escapar da perseguição acirrada dos militares, por ter um público mais restrito. Lygia Fagundes Telles consegue se sobressair em meio a esse turbilhão de acontecimentos com uma obra considerada de alto nível literário e, aclamada pela crítica. *As Meninas* retrata de forma propositada o momento histórico e difícil que o país enfrenta através dos comportamentos das personagens.

Em seu livro *Mecanismos do silêncio: expressões artísticas e censura no regime militar* (2019), Creuza Berg pontua que;

[...] o espírito militar deixará traços marcantes nas feições do regime. A estratégia de defesa interna demonstra atitudes, medidas e táticas a serem utilizadas contra tudo ou todos aqueles considerados “subversivos” ou se evidenciassem como ameaça à ordem estabelecida. [...] O principal instrumento utilizado para controlar esse tipo de situação é a comunidade social, compreendendo censura e propaganda, em uma tentativa de persuasão e disseminação das ideias convenientes ao regime. A atuação preventiva compreende medidas de caráter policial, como por exemplo, “dissolução de reuniões proibidas por ato legal, controle das atividades de indivíduos suspeitos de agitação e subversão; destruição de pequenos focos de agitação; controle e impedimentos de atos iniciais de perturbação da ordem pública”. (BERG, 2019, p.23).

De fato, tínhamos uma sociedade subjugada pelo medo e contenção. O regime procurava controlar toda e, qualquer manifestação proveniente de cidadãos que não “obedeciam” aos ideais defendidos por eles. Peças de teatro, telenovelas, filmes, séries de TV, bem como letras de músicas, foram vetados, parcial ou totalmente, pois o regime, comumente, considerava inadequados para os “padrões morais” vigentes.

De acordo com Berg (2019), em novembro de 1968, foi criado o Conselho Superior de Censura. Dele, faziam parte representantes de diversos órgãos estaduais e federais, dentre eles estão: Ministério da Justiça, Ministério das Comunicações, Conselho Federal de Cultura, Instituto Nacional de Cinema, Associações Brasileiras dos Autores Teatrais dentre outros. O Conselho foi estabelecido para que desenvolvesse, sob a legitimação do ministro da justiça,

“normas e critérios que orientem o exercício da censura” (p.74). O Conselho tinha, também, a missão de analisar para então, conceder recursos sobre decisões finais tomadas pelo Departamento de Polícia Federal, referente à censura de apresentações artísticas e culturais. As classificações por faixa etária para acesso a teatro e cinema foram, assim, estipuladas a partir das determinações do Conselho.

Nesse contexto entra em ação o técnico de censura (TC), isto é, sujeitos que, por meio de concurso público ocupam essa função no governo, e, passam a atuar através da censura prévia. A censura prévia consistia em emitir “laudos censórios” das obras a serem representadas. Como forma de garantir que as alterações ou vetos, os quais haviam sido feitos estavam sendo respeitados, eles assistiam as apresentações dos espetáculos para ratificar suas decisões:

Os TCs recebiam da DCDP treinamento e apostilas contendo o que deviam ou não censurar e, no caso das músicas, recebiam ainda uma lista de palavras proibidas, além da legislação necessária para fundamentar seus pareceres. No que diz respeito ao teatro, cinema e TV, uma apostila deveria ser seguida à risca pelo técnico de censura. Essa apostila aponta os temas e cenas que devem ser cortados e teria sido usada para treinamento dos TCs, uma vez que, ao lado dos temas, há um espaço em branco para que se assinale com um “x” a classificação etária, que varia de 10 a 18 anos, ou o veto. No caso de programas de TV prevê a classificação em termos de horário para exibição. (BERG, 2019, p.75/76).

Diante dessa exposição percebemos que a classe artística foi perseguida de forma violenta, sem que houvesse, de fato, fundamentação para essa perseguição desmedida. Os critérios utilizados para proibição total ou, parcial das manifestações artísticas em todas as esferas, não apresentavam argumentos consistentes, eram baseados apenas na “defesa à moral e aos bons costumes”, ou porque os censores consideravam o conteúdo apresentado como “subversivo”. Alguns artistas se tornaram alvos certos da ditadura, por isso, compositores como Chico Buarque, por exemplo, lançou mão de usar pseudônimos para que suas músicas conseguissem ser liberadas para registro e execução pública.

Após perseguições recorrentes, ameaças e, em alguns casos, prisões por acusação de subversão, muitos precisaram se exilar do país, retornando posteriormente, quando o regime foi totalmente derrubado.

A capacidade intelectual dos censores foi muito criticada, tendo em vista as disparidades com que analisavam os trabalhos artísticos. As argumentações eram as mais insólitas possíveis, muitas músicas eram vetadas por conter palavras que eles consideravam “grosseiras”. A maioria dos artistas não tinha uma explicação plausível por parte da censura sobre o veto à sua

obra, ou, simplesmente não recebiam informação nenhuma. Como relata a pesquisadora Creusa Berg (2019 p.76/77):

A inaptidão dos TCs chegava a ser tal que Martinho da Vila, tendo sua música “Disritmia” vetada em 1972, procurou os censores para saber a razão e soube que a proibição se dera por causa da palavra “porre”. O cantor pediu uma revisão aos censores, que se reuniram e, examinando a lista de palavras proibidas, constataram que não constava a palavra que causou o veto; sem outra alternativa, a canção foi liberada.

Nessa época, a produção artística cultural no país foi bastante significativa. O cinema brasileiro, por exemplo, estava em um momento de grande ascensão com a produção de bons filmes, inclusive, com reconhecimento internacional pela produção bem elaborada e, com grande diversidade de gêneros. Nesse momento, a censura acentua cada vez mais os cortes, tendo como justificativa que palavrões, cenas ousadas e figurinos irreverentes, atentavam contra a “moral e os bons costumes”. Segundo a articulista Leonor Souza Pinto;

Em 1967, Terra em transe, de Glauber Rocha, inaugura no cinema a estética tropicalista. Um marco no cinema brasileiro. E, no entanto, nas palavras de Carlos Diegues, foi “o filme mais atacado, repudiado, odiado, de toda a história do movimento. (...) O Cinema Novo não era mais o delfim cultural do país, mas um incômodo adolescente cheio de caprichos” (PINTO, 2006, p.8).

O Serviço de Censura e Diversões Públicas (SCDP), elencou uma série de assuntos que eram completamente proibidos de serem abordados em manifestações artísticas ou espetáculos públicos. Sexo, homossexualidade, prostituição, política, etc., eram vetados sumariamente. Qualquer menção feita a esses temas ou, sugestão de maneira implícita, culminaria na proibição da expressão artística.

A Literatura não passou incólume à essa onda nefasta de coerção à cultura brasileira. As editoras de livros sofreram diversos ataques de vandalismo. Recorrentes invasões e, subtração dos exemplares, marcou esse período obscuro no país. “Ênio Silveira, proprietário da Editora Civilização Brasileira foi preso e processado várias vezes, outras tantas viu a editora ser invadida e sua produção editorial, apreendida. ” (REIMÃO, 2014, v.28, p.75).

Após a censura prévia se expandir para o mercado editorial, escritores importantes do país, dentre eles Jorge Amado e Érico Veríssimo, se juntaram a tantos outros artistas e intelectuais na luta contra as arbitrariedades impostas por esse regime. Diante de forte pressão contra a censura prévia de livros, o governo reconsidera algumas diretrizes determinando assim, que: “estão isentas de verificação prévia as publicações e exteriorizações de caráter estritamente filosófico, científico, técnico e didático, bem como as que não versarem sobre temas referentes ao sexo, moralidade pública e bons costumes”. (REIMÃO, p.78).

Conforme o que relata a revista *Veja* publicada em 29/12/1976 (p.81-2), o governo conseguia identificar conteúdo que considerava impróprio de veiculação, consequentemente, sua censura, da seguinte maneira;

Alguém que tenha lido um livro [...] e o considere atentatório à moral ou mesmo subversivo, faz uma denúncia ao Ministério. Instala-se, então, um processo no qual é dada a um assessor do ministro da Justiça a tarefa de ler a publicação e emitir parecer. Com base neste, o ministro decreta ou não a apreensão.

De acordo com os estudos de Sandra Reimão;

Os dados gerais sobre a ação da censura a livros nesse período são conflitantes: Zuenir Ventura, em 1968 *o ano que não terminou*, indica que entre 1968 e 1978 foram censurados 200 livros; um levantamento realizado pela equipe de pesquisadores do Centro Cultural São Paulo e publicada no livro *Cronologia das Artes em São Paulo – 1975-1995*, indica esses mesmos números (CCSP, 1996, v.1, p.41). Deonísio da Silva (1989), no livro *Nos bastidores da censura*, indica 430 livros proibidos pela censura federal durante o regime militar, sendo cerca de 92 obras de autores brasileiros. (REIMÃO, 2014, v.28, p.79).

Diante de números bastante significativos quanto à censura de livros, podemos inferir que a Literatura sofreu muitos embates durante essa época no Brasil. Assim também, todas as outras manifestações artísticas enfrentaram muitas arbitrariedades por parte da Ditadura Militar. Sabemos que essa perseguição à literatura se baseava, também, nos mesmos argumentos; evitar a circulação de textos com conteúdo que eles consideravam inadequado para a sociedade que almejavam construir. Essa sociedade que eles defendiam a todo custo, só existe no imaginário de pessoas hipócritas e autoritárias, como bem disse Nelson Rodrigues<sup>2</sup> ao ser questionado sobre o sexo e a violência presentes em sua literatura, “Não inventei nenhum dos dois. O sexo e a violência existem e aí estão para quem quiser confirmar. Se afirmarmos ao pé da letra essa afirmação dos egrégios censores tudo poderá ser proibido; assim Branca de Neve poderia induzir a dissolução da família e à violência”.

Em meio a tantas proibições literárias pela abordagem de temas que iam de encontro aos ideais do regime, Lygia Fagundes Telles no romance *As Meninas*, nosso objeto de estudo, conseguiu escapar da vigilância acirrada sobre, tudo o que era produzido artisticamente no país nessa época, pois a autora disserta sobre vários assuntos considerados proibidos pela Ditadura, de serem discutidos abertamente como: liberdade sexual feminina, homossexualidade, participação política e oposição ao regime ditatorial, uso de drogas e, até mesmo, a descrição de uma sessão de tortura; práticas utilizadas durante o regime e, extensivamente denunciadas.

---

<sup>2</sup> Jornalista, escritor e dramaturgo brasileiro.

Em uma conversa entre Madre Alix e Lia, a estudante lê para a freira o trecho de um depoimento de um jovem que foi levado à justiça:

Quero que ouça o trecho de um depoimento de um botânico perante a justiça, ele ousou distribuir panfletos numa fábrica. Foi preso e levado à caserna policial, ouça aqui o que ele diz, não vou ler tudo: *Ali interrogaram-me durante vinte e cinco horas enquanto gritavam, Traidor da pátria, traidor! Nada me foi dado para comer ou beber durante esse tempo. Carregaram-me em seguida para a chamada capela: a câmara de torturas. [...] Primeiro me perguntaram se eu pertencia algum grupo político. Neguei. Enrolaram então alguns fios em redor dos meus dedos, iniciando-se a tortura elétrica [...] Após algumas horas, a cerimônia atingiu o seu ápice. Penduraram-me no pau-de-arara: amarraram minhas mãos diante dos joelhos, atrás dos quais enfiaram uma vara, cujas pontas eram colocadas em mesas. Fiquei pairando no ar. Enfiaram-me então um fio no reto e fixaram outros fios na boca, nas orelhas e mãos. Nos dias seguintes o processo se repetiu com maior duração e violência.* (TELLES, 1973, p.148/149).

Ao tomar conhecimento do conteúdo do livro de Lygia é realmente intrigante saber o porquê de a obra não ter sido censurada, pois além dos temas mencionados anteriormente, a autora denuncia, também, a violência vivida por cidadãos que não sucumbiam aos desmandos da Ditadura. Talvez, uma das hipóteses a que podemos atribuir à publicação do livro sem nenhum veto, seria a falta de atenção dos censores para com o texto na íntegra, dessa forma, o público foi agraciado com uma obra de alto nível literário.

## **1.2. Emancipação Feminina – Breve histórico sobre as lutas feministas da década de 1960 e 1970.**

Mesmo diante de toda a repressão que as mulheres sempre sofreram, ao longo da história das civilizações, sempre houve aquelas que desempenharam importante papel para a conquista dos direitos femininos que conhecemos e, desfrutamos hoje em dia. O lugar social que as mulheres alcançaram não aconteceu por acaso, tampouco de forma insignificante. Essa luta exigiu muitos sacrifícios e coragem por parte daquelas que não sucumbiram à dominação de um sistema que favoreceu, tão somente ao sexo masculino. A partir das últimas décadas do século XIX, o movimento feminista emerge pelo mundo inteiro, especialmente na Inglaterra, em que as mulheres lutaram pelo direito ao voto, conquistado finalmente em 1918. No Brasil, essa reivindicação também se deu com esse propósito, sendo conquistado mais tarde, em 1932.

A década de 1960 foi, especialmente, um marco para a revolução feminina. A partir de então, houve muitos acontecimentos voltados para a consagração e, legitimidade do papel da mulher como sujeito participante da sociedade. Dentre esses acontecimentos temos o movimento *hippie*, que aconteceu na Califórnia, Estados Unidos, espalhando-se pelo mundo inteiro. Esse movimento foi de fundamental importância para as mudanças culturais e de



comportamento. A partir desse contexto de rebeldia, preconizado pelos *hippies*, as mulheres começaram a se manifestar de diferentes formas pela igualdade de direitos; queimar sutiãs em praças públicas, foi uma das atitudes tomadas pelas mulheres como forma, simbólica, de que elas não eram apenas um objeto sexual. Diante da força dos acontecimentos, o movimento feminista cresce e, ganha as ruas para dizer não ao machismo. (PINTO, 2010).

Concomitantemente, temos a revolução sexual, as mulheres, nesse momento, podem se dar ao desejo de fazer sexo antes do casamento, e, quebrar com os moldes tradicionais e conservadores impostos pela família e pela sociedade. A maneira como elas se vestiam foi, também, alvo de mudanças, além da questão da virgindade, pois quebrar o tabu da menina virgem para casar, consistia, também, em uma forma de libertação. Atrelada à quebra de todos esses paradigmas, veio a pílula anticoncepcional, mais uma aliada da mulher na busca do sexo pelo prazer. Conforme considerações de Pinto:

O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação -, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. (PINTO, 2010, p.16).

Dessa maneira, o feminismo consiste em, não apenas buscar ocupar um lugar na sociedade, mas que esse lugar seja legitimado e respeitado. Tal posição não pode se restringir unicamente a um espaço, meramente figurativo, as decisões que tomam voltadas para sua conduta pessoal precisam ser consideradas igualmente importantes, como são as dos homens. Suas decisões não podem ser vistas como algo incomum, causando perplexidade. Devem ser vistas de forma natural, assim como é vista, toda e qualquer decisão que o homem estabelece.

Ponderando sobre a conquista da liberdade do corpo feminino, *As Meninas* (1973), discorre muito bem sobre as questões relacionadas à liberdade sexual conquistada pelas mulheres. Os diálogos que acontecem entre as personagens sobre o assunto refletem as mudanças de comportamentos ocorridas na sociedade, rompendo com as convenções sociais impostas à mulher. Lorena e Lia conversam naturalmente sobre o momento em que Lia transa pela primeira vez desconsiderando, completamente, a visão de que o sexo só deve acontecer após o casamento como uma função inerente a ele. Elas falam do sexo por prazer, antes, consentido apenas aos homens. “Fiquei com vontade de conhecer um homem e tomei as providências, onde está o gelo?” (*As Meninas*, p.171).

Para a personagem, não existe nenhum impedimento em fazer sexo antes do casamento e, ainda, escolher a pessoa somente por desejo pessoal, sem que haja nenhuma relação de afetividade. Ela considera sua atitude perfeitamente comum e, encara isso, como fazer qualquer

outra atividade do dia a dia, “como se escolhe uma escova de dentes” (*As Meninas*, p.170). O comportamento de Lia representa que a mulher, nesse momento, superou mais um tabu, por isso, ela não se preocupa em falar abertamente de “sexo livre”.

O movimento feminista avança suas ideias pela ótica de importantes escritoras, que marcaram a história da literatura mundial com clássicos que tratavam do papel da mulher na sociedade. Dentre os clássicos da crítica feminista temos *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949. A filósofa analisa o papel da mulher como esposa, mãe e amante e, faz inferências contundentes sobre seu comportamento. Ela induz que a mulher abre mão de se realizar plenamente através do trabalho e, da criatividade, para exercer a função de dona de casa, comportamento este, esperado pelo homem. A pensadora sugere, por fim, a emancipação feminina por meio de várias atitudes revolucionárias que, só as mulheres poderão fazer para que consigam viver grandes experiências, e, consigam estabelecer direitos iguais entre homens e mulheres na sociedade. Segundo Beauvoir:

A relação dos dois sexos não é a das duas eletricidades, de dois polos. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos “os homens” para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocábulo *vir* o sentido geral da palavra *homo*. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade. (BEAUVOIR, 1949, p.9)

Eis, então, o retrato que fora desenhado para homens e mulheres. Ambos desenvolveram seus papéis legitimados por uma sociedade que, nítida e comprovadamente, favoreceram o universo masculino, independentemente da época vivida. A mulher sempre esteve em segundo plano na sociedade patriarcal e machista, por isso, sempre esteve associada ao “ruim”, ou ao “insatisfatório”. A autora salienta que “Na sociedade burguesa, um dos papéis reservados à mulher é *representai*; sua beleza, seu encanto, sua inteligência, sua elegância são os sinais exteriores da fortuna do marido.” (BEAUVOIR, p. 219)

Em 1963, Betty Friedman lança para o mundo o seu livro *Mística Feminina*, um importante aliado do movimento feminista que trouxe um impacto muito significativo para o movimento. Nele, a escritora traz denúncias sobre a condição social, a qual as mulheres americanas estavam inseridas. Não obstante, de forma geral, essas condições estavam presentes em todas as sociedades contemporâneas. Segundo Friedman, as mulheres viviam aprisionadas a um modelo de sociedade que não lhes agradavam por completo. O casamento e a vida doméstica deveriam estar em segundo plano, assim as mulheres poderiam se dedicar a um “propósito social.” De acordo com Borges (2013, p.7, *apud* SILVEIRA, 2019, p.161)

Através da pesquisa para a escrita do livro, Friedman detectou na fala de outras mulheres que o mal-estar que elas sentiam e não conseguiam definir – que

designou como “o problema sem nome” – era também resultado da inadaptabilidade da educação que receberam com a imagem da mulher americana produzida pela “mística feminina” orientada pelas famílias de classe média e amplamente divulgada pela mídia. Defendeu ainda que o “problema” era relativo à questão de identidade, pois as mulheres não se entendiam como sujeitos para além da sua autonomia. Ou seja, seguiam os padrões de feminilidade elaborados e impostos pela “mística”, sem reconhecerem seus anseios individuais divergentes a ela.

Em suma, as mulheres, desde muito tempo, não estavam satisfeitas com a condição social a que foram submetidas. Lutar para garantir o papel de sujeito ativo na sociedade se configura, sobretudo, como uma conquista de igualdade de direitos e, de realização pessoal.

No que concerne aos movimentos sociais pelo avanço da revolução feminina, a década de 1960, se caracteriza de maneiras diferentes em alguns países. Enquanto nos Estados Unidos e Europa os movimentos pelo ideal de identidade de gênero encontravam campo fértil de progressão, no Brasil, o cenário político que se instalou culminou com um período de grande repressão, inibindo esses grupos. Conforme Souza (2000), apenas no início dos anos 1970, a manifestação de feministas no Brasil dá sinais de mobilização, pois, até então, o regime militar coibia essas ações, por inferir que essas demonstrações de liberdade eram amorais e, iam de encontro aos ideais do regime. Por essa época, surgem na América Latina, importantes conferências pleiteadas pela Organização das Nações Unidas (ONU), em que foram discutidas práticas políticas e condutas para acabar com a desigualdade dos sexos. O governo brasileiro, sob pressão das “forças políticas estrangeiras”, atenua as perseguições aos grupos de mulheres que lutam pela causa, suscitando desse modo, encontros e demonstrações importantes para a progressão dos ideais feminista, assim, nascia “o movimento moderno das mulheres no Brasil”. Souza destaca, ainda que, houve outras interferências para que as relações sociais da mulher se tornassem mais sólidas.

[...] na década de 70, a participação feminina na população economicamente ativa (PEA) brasileira aumentou de 18,5% para 26,9%. A participação feminina na PEA em posições administrativas quase dobrou entre 1960 e 1980 – de 8,2% para 15,4%. O número de mulheres em profissões de alto prestígio (p.ex., engenheiras, economistas, médicas, professoras universitárias e advogadas) cresceu aproximadamente 400% nessa década, de 19.000 em 1970 para 95.800 em 1980. Em 1980, já havia aproximadamente o mesmo número de homens e mulheres brasileiros nas universidades (689.000 homens e 663.000 mulheres. (SOUZA, 2000, p.487)

Vemos, então, que a condição social da mulher ganha destaque relevante nas últimas décadas do século XX. As mulheres conseguiram adentrar todas as áreas profissionais, antes, ocupadas majoritariamente por homens, inclusive, o acesso ao ensino superior foi consideravelmente favorável à mulher. Costa (2005) destaca que;

O movimento feminista se proliferou através de novos grupos em todas as grandes cidades brasileiras e assume novas bandeiras como os direitos reprodutivos, o combate à violência contra a mulher, e a sexualidade. O feminismo chegou até a televisão revolucionando os programas femininos, nos quais agora, junto às tradicionais informações sobre culinária, moda, educação de filhos etc. apareciam temas até então impensáveis como sexualidade, orgasmo feminino, anticoncepção e violência doméstica. Em linhas gerais, poderíamos caracterizar o movimento feminista brasileiro dos anos 1970 como fazendo parte de um amplo e heterogêneo movimento que articulava as lutas contra as formas de opressão das mulheres na sociedade com as lutas pela redemocratização. (COSTA, 2005, p.5)

As personagens de Lygia em *As Meninas*, moram na capital Paulistana e são estudantes universitárias. Cada qual, ao seu modo, vivem a evolução do papel feminino na sociedade. Embora sejam meninas jovens de mais ou menos vinte anos, não moram com a família. Elas moram em um pensionato de freiras e, tem total liberdade sobre suas vidas, algo totalmente impensável nas gerações de algumas décadas atrás, em que a mulher seguia padrões e comportamentos impostos pela família tradicional.

Ao final do século XX, no início da década de 1990, o feminismo ganha novos contornos no Brasil com o “feminismo popular”, novas configurações do movimento se expandiam, conseqüentemente, minimizando os preconceitos e “resistências ideológicas” apontadas para o movimento. “[...] se multiplicaram as várias modalidades de organizações e identidades feministas. As mulheres pobres articuladas nos bairros através das associações de moradores, as operárias através dos departamentos femininos de seus sindicatos e centrais sindicais, [...] começaram a autoidentificar-se com o feminismo, o chamado feminismo popular” (COSTA, 2005, p.8)

Atualmente, as mulheres vivem os mesmos dilemas de outrora, certamente, sob outras perspectivas e conjunturas. O movimento feminista conseguiu alçar a mulher a um lugar importante na sociedade. Por meio dos espaços que conseguiu apoderar-se, consegue permanecer como “movimento autônomo”, a partir da elaboração e execução de políticas femininas. Nada disso aconteceu por acaso;

Até chegar aí foi um longo e, muitas vezes, tortuoso caminho de mudanças, dilemas, enfrentamentos, ajustes, derrotas e também vitórias. O feminismo enfrentou o autoritarismo da ditadura militar construindo novos espaços públicos democráticos, ao mesmo tempo em que se rebelava contra o autoritarismo patriarcal presente na família, na escola, nos espaços de trabalho, e também no Estado. Descobriu que não era impossível manter a autonomia ideológica e organizativa e interagir com os partidos políticos, com os sindicatos, com outros movimentos sociais, com o Estado e até mesmo com organismos supranacionais. Rompeu fronteiras, criando, em especial, novos espaços de interlocução e atuação, possibilitando o florescer de novas práticas, novas iniciativas e identidades feministas. Mas esse não é o ponto final do movimento, a cada vitória surgem novas demandas e novos enfrentamentos.

O feminismo está longe de ser um consenso na sociedade brasileira, a implantação de políticas especiais para mulheres enfrenta ainda hoje resistências culturais e políticas. (COSTA, 2005, p.14)

Certamente, não alcançamos a linha de chegada, as necessidades atuais abrangem temas diversos. A sociedade se moderniza e, com ela, as novas reivindicações. O movimento feminista, hoje em dia, chama a atenção para algumas bandeiras, a que tem se dedicado a defender como; diferença salarial entre gêneros, participação insignificante feminina no meio político, casos de assédio e preconceito contra a mulher, acesso a métodos contraceptivos gratuitos e amamentação em lugares públicos. Precisamos considerar, também, uma camada do movimento feminista que luta pela descriminalização do aborto, por acreditar que muitas mulheres são mortas quando se submetem a procedimentos clandestinos, realizados de forma indiscriminada por pessoas sem capacitação profissional para tal.

Ponderando sobre todo o percurso do movimento feminista, concluímos que seus atos sempre causaram dissidências na sociedade tradicional, independentemente, do contexto vivenciado.

### **1. 3. Alguns apontamentos sobre a crítica feminista e autoria feminina no Brasil.**

Segundo Zolin (2009), a Crítica Feminista se configura como um dos importantes efeitos gerados pelo movimento feminista. É, a partir do interesse em estudar a mulher sob diversas perspectivas de conhecimentos como; a Sociologia, a Psicanálise, a História e a Antropologia que essa temática vem sendo abordada de forma recorrente em atividades acadêmicas. Ela enfatiza que hoje em dia, vários mecanismos nos permitem “ler e interpretar” o texto literário e, dentre estes, está a Crítica Feminista.

A crítica literária feminista pondera sobre o papel marginalizado da mulher construído ao longo do tempo, tanto como leitora quanto como escritora. No início da década de 1970, nos Estados Unidos, Kate Millet precede essa vertente da crítica literária por meio da publicação de suas pesquisas denominada *Sexual Politics*, na qual evidencia questionamentos da prática acadêmica patriarcal. Outros críticos e críticas feministas, sobretudo, nos Estados e na França, se empenharam também nessa época, em proporcionar discussões sobre o espaço destinado à mulher na sociedade e, que consequências recaíram sobre a literatura. O propósito dessas discussões, consiste em transformar e reverter o papel de subordinação da mulher, que através dos discursos “sacralizados pela tradição” classificou-a sempre como submissa e resignada, mesmo contra a sua vontade. “Assim, a crítica feminista trabalha no sentido de desconstruir a oposição homem/mulher e as demais oposições associadas a esta, numa espécie de versão pós-estruturalismo.” (ZOLIN, 2009, p.182)

A escrita de textos literários por mulheres emerge, então, a partir dessas ondas de inquietação. Enquanto que no século XIX as mulheres lançavam mão de pseudônimos masculinos por receio de não terem seus romances aceitos pelo público, ao final do século XX, essa questão já havia sido superada. A produção de autoria feminina é acentuada e, não mais obscura.

A Literatura de autoria feminina, inicialmente, na Europa e na América, redefine a representação da mulher bem como os valores atribuídos a ela. Sai de cena os personagens femininos submissos e dependentes, econômica e psicologicamente do homem, e, passam a figurar personagens femininos que questionam sua condição de inferioridade, causando assim, discussões acerca dessa complexidade.

Considerada como importante precursora da crítica feminista, a escritora inglesa Virgínia Woolf, contribuiu, significativamente, através de seus ensaios sobre a escrita da mulher. Suas ideias implementaram, assim, novas perspectivas sobre o tema “mulher e literatura” que, até esse momento, era visto apenas, com desconfiança e rejeição.

Posteriormente, a crítica feminista ganha novos rumos, o interesse em analisar narrativas masculinas é superado pela investigação da literatura produzida por mulheres. Nesse momento, temos um interesse voltado para novas interpretações.

A crítica norte-americana, Showalter, busca uma análise sobre a literatura de autoria feminina, além de se dedicar em revisar os estudos literários, sistematizados pela tradição masculina. Conforma Zolin;

Em face desse panorama, a crítica feminista contemporânea nos Estados Unidos ocupa-se de uma gama bastante variada de questões. As mais debatidas referem-se a: 1) noções de gênero, classe e raça, discutidas em confronto com a noção de essencialidade da mulher; 2) noção de experiência, que enfoca as práticas culturais da mulher relacionadas com sua produção literária, a fim de recuperar uma “identidade feminina” e rejeitar a repetição dos pressupostos da crítica literária tradicional; [...] discute, por fim, a problematização do projeto crítico feminista, no que tange às possibilidades de intervenções nas relações sociais. (ZOLIN, 2009, p. 193)

A crítica feminista francesa tem como algumas de suas principais representantes Hélène Cixous e Julia Kristeva. Seus estudos diferem da vertente anglo-americana, sendo assim, saem do campo literário para se debruçarem sobre a Linguística, a Semiótica e a Psicanálise, com o intuito de comprovar a existência de uma linguagem feminina. Em consonância com esses estudos, Vianna, (2004) acrescenta;

A força da memória, nas suas distintas manifestações, atua como elemento fundacional na constituição dessa poética que estamos identificando como feminina e feminista. O caráter subversivo, reconhecível nos textos femininos,

tem seu ponto de força na verdade do segredo que revela. Ao fazer a narrativa secreta de nossas vidas, separada da narrativa oficial e até em oposição a ela, a narrativa das mulheres alimenta a sua ancestral vocação narratária e torna público o mundo íntimo, de modo peculiar, descosido e anárquico, modo pelo qual elas apresentam sua face literária no mundo. (VIANNA, 2004, p.153).

Segundo Zolin (2009, p.201), “o início dos estudos ligados à mulher e sua representação na literatura datam dos anos 1970”. No Brasil, esses estudos começam a despontar a partir dos anos 1980, pois até aí, não haviam pesquisas legitimadas sobre o assunto. Diante dessa lacuna, grupos de pesquisadores/pesquisadoras começaram a se reunir para desenvolver pesquisas, bem como, apresentar seus resultados e, passaram a discutir textos teóricos acerca do tema, fortalecendo os estudos ligados à *Mulher e Literatura no Brasil*. Dentre os grupos de associações de estudo para essa finalidade, temos a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll), ao qual, faz parte o *GT Mulher e Literatura*.

Em 1985, o *GT Mulher e Literatura*, constituíram o Seminário Nacional *Mulher & Literatura*, que tem como finalidade divulgar trabalhos e pesquisas nos meios acadêmicos. Conforme as considerações de Zolin (2009):

Na avaliação da coordenação do GT Mulher e Literatura da Anpoll essas diversas oportunidades de encontro dos pesquisadores do tema têm permitido o intercâmbio de experiências entre pesquisadores de diversas instituições e nacionalidades, a divulgação de resultados de pesquisas e trabalhos críticos, além do estabelecimento de linhas de pesquisa nos cursos de pós-graduação e departamentos de língua e literatura, constituindo-se em referência obrigatória para a área. (ZOLIN, p.201).

Para Rita Terezinha Schmidt, uma das fundadoras do GT, o “feminismo” sempre trouxe muitos incômodos para a elite masculina letrada do país, “a relação mulher e literatura, do ponto de vista da crítica literária tradicional, é ainda considerada uma conjunção imprópria e não pertinente.”

Consideramos, portanto, que, ainda que consistentes, os estudos voltados para o tema mulher e literatura não alcançaram o valor e a credibilidade almejados pela crítica feminista.

## 2. O conjunto da obra de Lygia Fagundes Telles.

A escrita literária por mulheres no século XX foi marcada por algumas escritoras que se empenharam em escrever sobre a desconstrução do papel da mulher na sociedade. No Brasil, tal posicionamento se deu através de nomes como: Raquel de Queiroz, Clarice Lispector, Hilda Hilst, Lygia Fagundes Telles entre outras.

A literatura de autoria feminina só veio ganhar visibilidade e reconhecimento a partir dos esforços da crítica literária feminista. Lygia Fagundes Telles é considerada como uma das representantes dos romances de autoria feminina do Pós-modernismo brasileiro. Muitos autores consideram a obra de Lygia como sendo existencialista, ou seja, a autora busca adentrar na psicologia humana. Outros conceituam sua obra como eminentemente feminina.

Marisa Lajolo faz a seguinte observação sobre o romance de Lygia Fagundes Telles: “Lê-la faz parte de um exercício constante de aprender a ser mulher. Ou a ser mulheres: o plural do feminino talvez seja a grande construção dos romances desta autora, que inventa uma nova mulher a cada obra, o que leva seus leitores a também se reinventarem a cada leitura. Personagens fortes, que me marcam sempre: ou pelo que têm em comum comigo, ou pelo que têm de profundamente diferente”. (LAJOLO, 2004, p.118)

A escritora paulistana tem sua narrativa marcada pelos conflitos subjetivos que envolvem suas personagens e, suscita a reflexão no leitor sobre aspectos relacionados à “condição humana”.

O meu objetivo é a condição humana. A condição humana me apaixona muito, então eu tento me desembrulhar, desembrulhando meu próximo. Nesse ato de me desembrulhar, faço do próximo meu cúmplice, meu parceiro. Tenho vontade de trazer este leitor até onde estou e na realidade nós somos parecidos, temos os medos, as esperanças.<sup>3</sup>

Sua narrativa intimista traz à tona dramas familiares, uma exímia questionadora dos papéis sociais, que ela acredita serem amparados pelas aparências. Os temas recorrentes como adultério, preconceito, aborto, virgindade, homossexualidade, abuso sexual, incesto são escritos e reescritos em compasso com as mudanças sociais ocorridas ao longo do tempo. Mudanças que podem ser percebidas em sua narrativa, se compararmos a discussão de determinado tema em obras da escritora em épocas diferentes. Assim, Lygia Fagundes Telles “manteve-se, estrategicamente, atualizada, no processo de reescritura estilística e temática de suas obras, observadora atenta das mudanças ao seu redor.” (LEAL, 2008, p.100)

Lygia Fagundes Telles produziu uma vasta obra literária. Dentre seus trabalhos mais importantes estão quatro romances: *Ciranda de Pedra* (1954), *Verão no Aquário* (1964), *As*

---

<sup>3</sup> Entrevista com Escritores. Lygia Fagundes Telles, 2012 p. s/n.º.



*Meninas* (1973) e as *Horas Nuas* (1989). A autora apresenta personagens principais em seus romances, todas mulheres, com personalidades memoráveis e dotadas de comportamentos marcantes, como Virgínia, de *Ciranda de Pedra*, Raíza, de *Verão no Aquário* e Lorena, Lia e Ana Clara, de *As Meninas*. Ela escreveu, ainda, vários livros de contos: *Porão e Sobrado* (1938), *Praia Viva* (1944), *O Cacto Vermelho* (1949), *Histórias do Desencontro* (1958), *Histórias Escolhidas* (1964), *O Jardim Selvagem* (1965), *Antes do Baile Verde* (1970), *Seminário dos ratos* (1977), *A disciplina do Amor* (1980), entre outros. Seus contos são construídos a partir de uma linguagem coloquial e, trazem personagens revestidos de tensões e angústias que afligem a natureza humana. A escritora publicou diversas crônicas e, participou da organização de várias coletâneas. Várias de suas obras foram adaptadas para o cinema, teatro e televisão, que contaram com a sua participação no processo criativo. Segundo Antonio Cândido:

A obra de Lygia Fagundes Telles [...] realiza a excelência dentro das maneiras estabelecidas de narrar. Mas ela sabe fecundá-las graças ao encanto com que compõe, à capacidade de apreender a realidade pelos aspectos mais inesperados, traduzindo-a de modo harmonioso. Tanto no conto quanto no romance, ela tem realizado um trabalho ainda em pleno desenvolvimento, sempre válido e caracterizado pela serena maestria. (CÂNDIDO, 1999, p.92).

A obra ficcional de Lygia Fagundes Telles prioriza, sobretudo, o protagonismo feminino e, assinala as mudanças pelas quais a sociedade vem passando. Suas personagens carregam um importante papel, o de realizar essas mudanças sociais e, transgredir padrões tradicionais de comportamento.

O romance *As Meninas*<sup>4</sup>, objeto de análise desse trabalho, traz a história de três jovens universitárias; Lia, Ana Clara e Lorena. Elas moram em um pensionato de freiras no início da década de 1970. No romance, a narrativa é construída a partir dos discursos das personagens com foco narrativo em 1ª pessoa, além de um narrador em 3ª pessoa. O foco narrativo em 1ª pessoa, desloca-se constantemente para o fluxo de consciência das três amigas, que se entrevistam, se apresentam umas às outras e ao leitor. As estudantes refletem sucessivamente sobre si mesmas e umas sobre as outras, instigando-nos a invadir a privacidade de Ana Clara, Lorena e Lia.

No romance é possível identificarmos a voz de Lia, Ana Clara e Lorena, pois cada uma apresenta características discursivas próprias, possibilitando ao leitor fazer tal diferenciação. Em seus discursos ficam evidentes suas formações ideológicas, desveladas, tanto pelas suas linguagens, quanto pela forma como se comportam. Além disso, o percurso histórico de cada

---

<sup>4</sup> O romance é referido, onde houver citações diretas, pela sigla AM.

uma contribui, decisivamente, para a formação dessas vozes. O universo social, ao qual cada uma pertence, estabelece esse posicionamento.

Diante de um contexto histórico em transformação, as meninas irão confrontar os papéis reservados às mulheres e, as mudanças originárias de sua época.

Ana Clara vem de uma realidade marcada pela violência e objetificação. Vivenciou a exploração da mãe e, precisou se submeter a situações humilhantes para, também, conseguir sobreviver em um mundo de explorações, física e psicológica. Ela busca, incansavelmente, a ascensão social. Por ter sofrido com uma vida de miséria e, abusos físicos e psicológicos, Ana Clara se mostra uma pessoa fria e destituída de emoções.

Lorena é de uma família tradicional bem abastada, por isso, é culta, bem-educada e refinada. Ela está sempre disposta a ajudar as amigas, mas não consegue resolver seus próprios dilemas. Através de fantasias, nutre um amor platônico por um homem casado, porém, não há reciprocidade nenhuma com M.N. Enquanto espera ansiosa por um telefonema do namorado Lorena faz reflexões, sobre si mesma sua família e as amigas do pensionato.

Lia é uma menina de classe média de uma família nordestina. É filha de um alemão com uma baiana, vem para o Sul cursar universidade e, acaba se envolvendo com a resistência à ditadura militar, assim, passa a atuar em um grupo de esquerda ligado à luta armada. Lia configura-se como uma representante legítima da juventude de sua época, pois vive intensamente os ideais em ascensão, não só na militância política, mas também nas mudanças no comportamento sexual. Seus relacionamentos amorosos são marcados como atos de libertação feminina. A jovem militante, não obstante, demonstra estar, constantemente, em conflito com valores tradicionais: sonha em construir uma vida familiar com seu namorado, escreve um livro romântico, defende o celibato dos padres e condena o uso de drogas.

O romance *As Meninas*, tem sido objeto de estudo de muitos trabalhos acadêmicos, a partir de diferentes perspectivas. Virginia Maria Vasconcelos Leal em sua dissertação de mestrado pela Universidade de Brasília analisa o romance pela perspectiva do discurso. Sua análise é pautada em como cada uma das meninas se posiciona quanto aos papéis reservados ao gênero feminino, “A representação artística desse discurso é refletida na forma pela qual o romancista consegue ‘orquestrar’ essas diferentes falas. E isso a autora realizou de maneira eficiente no romance.” (LEAL, 1999, p. 14).

Regina Dalcastagnè salienta que, *As Meninas* é um livro que se fez junto com um tempo, não uma obra *a posteriori*, onde a reflexão sobre o que se passou vem impregnando o discurso.” (DALCASTAGNÈ, 1996, p.121).

Deurilene Sousa Silva disserta também sobre *As Meninas*. Em sua pesquisa de mestrado, busca questionar a ruptura entre indivíduos e as convenções coletivas. Para ela, as protagonistas do romance quebram o que chamamos de convenções sociais estabelecidas, como por exemplo, as meninas não mantêm um núcleo familiar tradicional, em que moram pai, mãe e irmãos. Ela aponta, ainda, outros comportamentos que indicam essa ruptura de convenções sociais.

Uma outra dissertação sobre *As Meninas*, Alexsandro Lino da Costa, intitulada, “Não Identidade em *As Meninas*, de Lygia Fagundes Telles”, traz uma abordagem sobre a identidade das meninas, tendo em vista, que estão em formação, portanto, “indefinidas e mutáveis”. Para o autor:

Essas meninas refletem as transformações sociais que caracterizam esse período do século XX; além disso, também são caracterizadas por dilemas e questionamentos tipicamente humanos. Revelam, dessa forma, uma identidade cambiante: elas não se definem em qualquer aspecto, (des) configurando-se em movências identitárias e em descontínuos processos de identificação. (COSTA, 2015, p. 11).

Apresentada a estrutura da narrativa, vamos analisar o romance a partir da construção moral das meninas Lia, Ana Clara e Lorena, tendo em vista, o contexto sócio histórico de cada uma, observando-se, também, seus questionamentos em face dos papéis sociais preterido às mulheres.

## 2.1. Lorena: Sensibilidade e poesia em meio ao caos

Lorena Vaz Leme é uma jovem de família tradicional que possui uma educação privilegiada. É dotada de conhecimentos sobre artes, música, pintura, filosofia e, uma exímia conhecedora de poesia. Lorena é virgem e, vive um amor platônico por Marcos Nemesius, um médico casado pai de cinco filhos, a quem ela sempre se refere por M.N. A condição de M.N, não significa nenhum empecilho para Lorena, que sonha com o dia em que o médico irá se separar da esposa para viver intensamente o amor entre eles:

[...] estou apaixonada. Ele é casado, velho, milhares de filhos. Completamente apaixonada. [...] – ele não quer. Nem me procura mais, faz um montão de dias que nem me telefona. [...] – Mas se me chamasse como a última das moicanos juro que eu iria correndo, correndo, você me chamou? Ia morar com ele no porão, debaixo da ponte, na estrada, no bordel, Lião, Lião – choramingou ela afastando a banana. (AM, p.160/161)

Lorena vive em meio a suas contradições: ser virgem em uma fase de liberação sexual e, ao mesmo tempo, projetar um relacionamento com um homem casado. O mais importante nesse momento, não é a decisão que Lorena venha a tomar, mas a liberdade de escolha que as mulheres conseguiram conquistar até aqui. “‘O tesouro de uma moça é a virgindade’, ouvi

mãezinha dizer mais de uma vez às mocinhas que trabalhavam na casa da fazenda. Como nunca mais fez essa advertência, calculo que o tesouro só era válido para aquele tempo.” (AM, p.196).

Na sociedade conservadora de décadas atrás, viver um relacionamento com um homem casado era inadmissível para uma jovem, principalmente de família tradicional e rica, pois a reputação da família inteira ficava comprometida. Lia repreende a amiga por alimentar a paixão pelo médico, pois acredita ser um desperdício de tempo, e, a aconselha a namorar Fabrício, seu colega de faculdade. Lorena, não obstante, não tem dúvidas de que quer viver esse amor. “Mas continuaria amando amando amando até – morrer, não. Até viver de amor.” (AM, 66).

Lorena vive a angústia de esperar por M.N, que não corresponde ao seu amor, no entanto, mesmo vivendo uma paixão, a menina, por um momento, deseja uma relação sexual com o seu amigo Guga:

- O Guga acabou de sair - digo e baixo a voz - Lião, Lião, ele me beijou na boca, fiquei perturbadíssima.

- E daí?

- Daí, acabou, fechei depressa meu chambre e botei ele na rua, mas não é estranho? Todo crescido, o cabelo, a unha, todo assim arrepiado, sabe como é? E eu que sonho com um homem limpíssimo me excitei a ponto dele perceber, me deu assim uma vontade de rolar com ele pelo chão, empoeirado, suarento! Mas pensei em M.N. e quebrou-se o instante mágico. Lião desabou no tapete. Ria abraçando uma almofada. - Lorena, Lorena, como você é burra. Desatei a rir também. Mas não é mesmo? Uma loucura, Lião. Loucura total. (AM, 209)

Pelo contexto histórico-social que Lorena vive a liberdade em viver experiências sexuais, apenas por prazer, já não é condenada. Porém, mesmo diante de tanta liberdade, ela se mantém virgem, por isso, sofre pressões tanto da mãe, pois acha que a filha já deveria ter iniciado sua vida sexual, quanto de Lia, que também acha ser uma questão a ser resolvida:

E também esse drama da minha virgindade. Confesso que de vez em quando preciso falar nisso, provoco o assunto, alimento as reações, me exponho a todas as consequências numa necessidade tão aguda de ficar centro-de-mesa. Mas de repente me vem um pudor (não sei se será exatamente pudor) e não suporto a menor referência, problema meu, friso e levanto a cerca de arame, proibida a entrada de pessoas estranhas (AM, 117).

As amigas discutem sobre o assunto constantemente, Lia insiste em apressar Lorena:

- Resolva logo, Lena.

- Mas não é o que estou querendo? – pergunto e lá no escuro me respondo, acho que não estou querendo, não. A alegria que me dá a ideia de ver em torno a promiscuidade dos sexos se dando sem amor, por aflição, desespero. E o meu. Virgo et intacto. (AM, 35)

Diferentemente de Lia, Lorena não se entrega aos prazeres físicos de forma tão objetiva, ela não recrimina as amigas que vivem livremente suas escolhas, mas não consegue pensar

diferente. A personagem não se configura como uma puritana, ela apenas idealiza que sua primeira relação sexual será com alguém por quem ela nutre um grande amor.

Sendo assim, Grosz (2002) salienta que é fundamental que as mulheres sejam livres, romper com um modelo de comportamento padrão e, ajustar-se a outro, não se configura como ideal de liberdade e autonomia. Com isso a autora pondera:

O feminismo (...) é a luta para tornar mais móveis, fluidos e transformáveis, os meios pelos quais o sujeito feminino é produzido e representado. É a luta para se produzir um futuro, no qual as forças se alinham de maneiras fundamentalmente diferentes do passado e do presente. Essa luta não é uma luta de sujeitos para serem reconhecidos e valorizados, para serem ou serem vistos, para serem o que eles são, mas uma luta para mobilizar e transformar a posição das mulheres, o alinhamento das forças que constituem aquela 'identidade' e 'posição', aquela estratificação que se estabiliza como um lugar e uma identidade. (GROSZ, 2002, p.1-2).

Tal reflexão converge com o comportamento de Lorena. A menina se sente livre para fazer escolhas, sem ter que, necessariamente, seguir um determinado comportamento, por imposição do meio em que vive.

Mesmo adotando uma postura libertária quanto ao papel social das mulheres na sociedade vigente, Lorena, mostra ainda, uma oscilação no que concerne aos padrões perpetuados na sociedade e, tece críticas sobre sua mãe e seu comportamento:

Mãezinha fazia goiabada, cuidava do jardim, bordava toalhinhas e era glingue-glongue. Agora faz plástica, massagem, análise e principalmente faz amor com outro homem. Mudou a circunstância. E ela? Igual. Não fica à vontade com Mieux como ficava com paizinho, é lógico. Representa. Mas continua insatisfeita e catastrófica. Com mais medo da velhice porque já está na velhice, coitadinha. (AM, 65).

A mesma postura adota em relação a sua tia Luci, ao criticá-la por se sentir jovem e sedutora com mais de 40 anos:

Mãezinha disse que ela foi bonita, milhares de apaixonados e fogos de artifícios, enfim, agora não é mais e continua como se fosse, coitadinha. Alguém teria que avisar, mas quem? Já fez plástica até no pé, usa vestidos da jeunesse dorée lá do tempo dela e faz aquelas caras. (AM, 68)

Segundo o sociólogo Zygmunt Bauman, em *Identidade* (2005), a identidade na contemporaneidade configura-se como uma questão que incide muitas controvérsias. “As pessoas em busca de identidade se veem invariavelmente diante da tarefa intimidadora de ‘alcançar o impossível’” (p.16). Ou seja, para ele, o indivíduo não consegue se definir tão facilmente, essa tarefa pode, talvez, ser alcançada ao longo do tempo.

Estar total ou parcialmente “deslocado” em toda parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa “se sobressaíam” e sejam vistos por outras como estranhos), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes, perturbadora. Sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer e barganhar. (BAUMAN, 2005, p.19).

Lorena, que se mostra uma pessoa bem resolvida e, desprovida de qualquer preconceito, destoa dos seus discursos, comumente, sensíveis e agradáveis, para um discurso preconceituoso e cheio de conservadorismos. Esse tipo de comentário que, subentende-se diminuir uma mulher que busca autonomia e realização pessoal nas escolhas que faz, não converge com os ideais feministas que avançam desde o início do século XX. Todas essas questões ligadas a pensamentos de liberdade de escolha, assim como, romper as convenções sociais impostas ao comportamento feminino, geram divergências em nós mesmas, uma vez que queremos liberdade para nossas atitudes, contudo, muitas vezes, não conseguimos ultrapassar os preconceitos arraigados, ao julgar o comportamento de outra pessoa. Para que as transformações no universo feminino se concretizem de fato, é o olhar sobre o outro que precisa ser transformado.

## **2.2. Lia: Ativismo social**

No romance, Lia é a menina que mais está envolvida com as mudanças sociais que estão acontecendo ao seu redor e, com o momento político difícil, pelo qual passa o Brasil. Em seus diálogos com Lorena, podemos perceber que seu posicionamento ideológico não é o mesmo das amigas, assim estão sempre confrontando opiniões. Suas opiniões e posturas são sempre muito contundentes, porém, é criticada por Lorena por se mostrar em constantes contradições. “Tão lúcida quando fala mas quando escreve fica tão sentimental, oh, a lua, o lago” (AM, 29). Assim a amiga lhe apresenta:

O último véu! Escreveria Lião, ela fica sublime quando escreve, começou dizendo que em dezembro a cidade cheira a pêssego...Dedicou a história a Guevara com um pensamento importantíssimo sobre a vida e morte, tudo em latim. Imagine se entra latim no esquema guevariano (AM,9).

Lia está completamente imersa nos discursos de sua época e, confessa para um companheiro de militância que prefere morar longe da família. Ela acha que esse distanciamento faz bem para a relação entre familiares, pois considera essa convivência uma chatice. Segundo Almeida e Weiss:

O desejo de romper com o modelo burguês de casamento e de família transparece na maneira como várias mulheres envolvidas na luta contra o governo militar iriam depois se referir a suas próprias famílias. Os recorrentes enunciados do tipo “venho de uma família tradicional”, “minha família era pequeno-burguesa”, mais do que uma tentativa de caracterização sociológica de suas origens, servem para marcar um afastamento crítico por parte das narradoras, que superaram ou imaginavam ter superado aquele padrão

familiar. No caso das mulheres, o repúdio aos comportamentos tradicionais “pequeno-burgueses”, se fazia em nome de um ideal de autonomia que deveria se realizar não apenas como possibilidade de viver plenamente a paixão e as pulsões sexuais. Isso tudo também estava fortemente associado à ideia de existir no mundo para além da vida doméstica, por meio da realização profissional, da independência financeira que o trabalho poderia assegurar e, por último, porém não menos importante, da atividade política. (ALMEIDA E WEISS, 1998, p.401).

Ela ainda indaga Lorena, “Quem mais quer se casar, Lorena? Quem? Só os padres e as prostitutas. E um ou outro homossexual, entende.” (AM, 73).

Em seus posicionamentos, Lia tem um ideal de liberdade feminina muito concreto. A personagem toma iniciativas sem se prender a convenções impostas às mulheres pela sociedade. Ela demonstra essa liberdade, quando descreve para Lorena como aconteceu sua primeira relação sexual, considerando uma situação banal em que é necessário apenas desejar acontecer. Para a personagem, não são necessárias tantas formalidades, nem a idealização de uma pessoa especial para isso.

“Não sei explicar”, começou ela. E explicou com pormenores que escolheu seu parceiro assim a frio, como se escolhe uma escova de dentes. “E daí, Lia, o que foi que ele fez?” Lia pregava o zíper num *jeans* que há muito devia ter sido lavado. “Ora, ficamos na cama olhando o teto e fumando. Falamos sobre tanta coisa, entende?” Incrível. “Mas é incrível, Lião. Logo na primeira vez tudo tão gelado”, explodiu. [...] “Gelado por quê? Fiquei com vontade de conhecer um homem e tomei as providências, onde está o gelo? [...]. Arrisquei e ela me encarou irônica: “Simples como tomar um gole d’água. De que jeito você queria que fosse?”. (AM, 170/171)

Lia, ainda descreve para Lorena que o rapaz com quem se relacionou era um “companheiro” de luta muito legal, e que encontrava com ele normalmente. “Outro dia tomamos um lanche, vai se casar”. (AM, 171). Em suma, Lia não pretendia nenhum envolvimento afetivo com o rapaz, quis ter uma relação sexual apenas por prazer e, para ela, esse tipo de comportamento é considerado comum.

A liberdade de escolha, a qual as mulheres conquistavam nesse momento, era vivida intensamente por Lia, ela se permitia viver todas as suas vontades, sem se preocupar com julgamentos alheios. Em outra ocasião, quando conversava com Pedro, um de seus amigos de militância, foi questionada se já havia tido uma experiência homossexual, e responde sem titubear:

- Já.
- Que genial! E então?

- Não sei o que você quer saber – digo e fico rindo por dentro porque sei muito bem o que ele quer saber. – Nada de extraordinário, Pedro. Tão simples. [...]
- Você achou isso bom?
- Se a gente tem vontade, tudo é bom. E eu tinha vontade de saber como era pra poder escolher. Escolhi. Mas quando lembro, ah, por que as pessoas interferem tanto? Ninguém sabe de nada e fica falando. Fazendo julgamento, tem juiz demais. (AM, 129/130).

Mais uma vez, percebemos que Lia buscava experienciar o que tinha vontade e, lhe interessava. Ela se permitia viver seus desejos e transgredir conceitos. No decorrer da narrativa, sabemos que ela tem um namorado, logo, sua escolha reforça que para ela, o mais importante, é a concretização de liberdade que as mulheres buscam ter numa sociedade machista em que, apenas os homens podem desfrutar dessa liberdade sem julgamentos, e, não uma mudança na orientação sexual.

Vemos ainda, que Lia, mesmo namorando Miguel e, segundo ela amando-o, tem uma relação com Pedro, seu amigo. Ela, porém, não considera que traiu o namorado, pois sem amor, não é traição. “Sei que amo Miguel mais ainda depois da traição. Se é que isso pode se chamar de traição” (AM, 138). Em sua concepção, a garota estava prestando um “favor” ao amigo por ele ser virgem, então ela achava que isso era um problema a ser resolvido.

- Sua boca tremente procura a minha. Vou ao encontro dela, nem sabe beijar, putz. Eu ensino por etapas. [...]. No começo é só desajeitamento, não tem importância, depois tudo se arruma, tenho ainda uns quinze minutos, murmuro ao seu ouvido. [...]
- Não fique assim, Pedro. Descansa, relaxa. Temos tempo. Ele me beija e soluça de aflição e raiva, o sexo confundido. Tenho que tomar a iniciativa, vai fracassar de emoção e ficar desesperado. [...]
- Te amo, Rosa, te amo.
- Perfeito. Mas vai agora procurar sua menina. (AM, 137/138).

Ao se posicionar de forma tão pragmática, Lia questiona as formas de relacionamentos, em que as mulheres foram sempre oprimidas. Aqui, ela atua com autonomia na escolha de seus parceiros sexuais, indo de encontro às mulheres das gerações anteriores.

Embora a personagem se apresente como uma representante feminista do seu tempo, muitas vezes, vem à tona contradições que refletem um posicionamento carregado de preconceitos de quem teve uma educação familiar tradicional. Por exemplo, quando repreende Lorena por estar apaixonada por um homem casado:

- Não precisa fazer tanto, basta não querer roubar o homem da próxima, aprendeu, Madame Tagore?
- Mas ele não gosta mais dela, querida. Acabou o amor, acabou tudo. Só se pertencem nos papéis.
- Você acha pouco? Eu me ficho com isso mas precisa ver se ele também se ficha. (AM, 28)

A menina se porta de maneira diferente, da forma mais intransigente possível, diferente daquela que se permite tudo. Seu discurso se confunde com o de pessoas de gerações passadas,



que foram tolhidas por uma sociedade para recriminar qualquer comportamento tido como não convencional para uma mulher. O mesmo, se vê, quando Lia fala para Pedro o que pensa sobre a igreja permitir que os religiosos se casem:

Casar! Padre tem que casar com a igreja! Ou então não fica padre, vai fazer outra coisa. Padre mais-ou-menos é como político mais- ou-menos, um lixo. Padre não deve casar nem com a mãe, que respeito a gente pode ter? Não frequento igreja nem nada, mas se um dia quiser voltar, quero encontrar um padre de mente limpa pra me dar a comunhão. (AM, 133)

Em outra ocasião, Lia se mostra, um tanto quanto, empenhada em defender valores tradicionais, ao criticar a mãe de Lorena por nutrir uma admiração por seu analista. Para Lia, a senhora não deveria se portar assim, de acordo com o seu pensamento, não convêm para uma “senhora”. “Que absurdo uma mulher assim velha se desbundar por um tipo desses”. (AM, 230).

Observamos que Lia, como já foi dito anteriormente, apresenta contradições na sua fala. De um lado se apresenta como uma revolucionária social feminista, do outro, se mostra uma garota revestida de denotações conservadoras. Segundo Bauman:

As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente. Quanto mais praticamos e dominamos as difíceis habilidades necessárias para enfrentar essa condição reconhecidamente ambivalente, menos agudas e dolorosas as arestas ásperas parecem, menos grandiosos os desafios e menos irritantes os efeitos. (BAUMAN, 2005, p.19-20).

Para Bauman, todo indivíduo é suscetível de passar pelo processo de múltiplas identidades. Há um desafio do indivíduo em alcançar seu ideal com aspirações próprias e libertárias, por haver um enfrentamento diário em refutar as escolhas alheias que, insistem em nos confundir. O sociólogo acredita que “o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis”. (BAUMAN, 2005, p.17). Lia enfrenta essas contradições no momento em que luta por uma sociedade igualitária, mas mantém, sem perceber um modelo introjetado em sua formação.

### **2.3. Ana Clara: Fuga pelo entorpecimento**

Ana Clara tem uma trajetória de vida muito diferente das amigas do pensionato, Lorena e Lia. Ela não está envolvida com as discussões que giram em torno dos papéis de gênero. Sua infância foi marcada por situações de violência física e verbal, vividas pela mãe. Ela presenciava os abusos sofridos por sua mãe, nos relacionamentos amorosos que vivia. Essas situações vividas por Ana lhe deixaram marcas profundas, as quais não consegue superar.

Como fuga de suas tristes lembranças, Ana Clara entrega-se as drogas, como podemos perceber durante suas passagens em todo o romance. Inferimos então, que ela não o faz como busca de autodescoberta, mas como meio de sufocar seus dramas pessoais, que a perseguem e, são muito vivos em sua memória. “Mas por que minha cabeça tem que ser minha inimiga, pomba. Só penso pensamento que me faz sofrer. Por que esta droga de cabeça tem tanto ódio de mim? Isso nenhuma analista me explicou, isso da cabeça. Só de porre me deixa em paz essa sacana” (AM, 36).

Ana Clara traz consigo pensamentos de revolta e raiva, inclusive contra sua mãe, que para ela, se permitia viver tudo aquilo. A menina se transformou, desde cedo, em uma pessoa fria, desprovida de emoções, como podemos perceber quando fala sobre a morte da mãe, que suicidou-se com formicida:

Quando voltei de noitinha a primeira coisa que vi foi a lata aberta no chão. Fiquei olhando. Não chorei nem nada mas por que havia? Não senti nada. Tinha a cara no travesseiro manchado de preto e o corpo encolhido e retorcido como a formiga no rótulo da lata. (...) Não quero mais nada que odeio. Nunca mais ninguém vai me ver. (AM, 86).

A saída que Ana Clara encontrou para amenizar o sofrimento que suas terríveis lembranças trazem, foi as drogas, ela usa o entorpecimento como refúgio, como libertação.

Uma das lembranças mais doloridas da personagem é a do *Dr. Algodãozinho*, seu dentista, que a violentou sexualmente em troca de tratamento dentário:

Por que está gritando assim minha menininha. Não grita que não pode estar doendo tanto só mais um pouquinho paciência quieta. (...) Baixou a cadeira. A correntinha que prendia o guardanapo me beliscou o pescoço. A mancha de sangue endurecido numa das pontas do guardanapo. Quietinha. Quietinha ele foi repetindo como fazia durante o tratamento. Você vai ganhar uma ponte. Não quer ganhar uma ponte? – Depressa, Max, quero beber – pediu ela fechando as mãos. (AM, 42)

Esse relato que Ana Clara traz, fala sobre a sua primeira relação sexual. Ela era virgem quando o seu dentista lhe forçou a consumir o ato. Percebemos que existe uma diferença significativa entre o relato de Lia, sobre sua primeira vez, para o relato de Ana Clara. Lia se deu ao prazer de escolher esse momento, e, com quem realizar. Ana Clara, no entanto, não escolheu o seu momento, foi vítima, ainda criança, da violência que atormenta muitas mulheres, sobretudo, as mais fragilizadas pela marginalização na sociedade. De acordo com as pesquisas de Suárez, Machado & Bandeira:

Anos de abuso e de violência doméstica e sexual, suportados pela maioria das mulheres violentadas, encontram explicação nos sentimentos, de culpa e de fracasso que deverão carregar, caso não conseguirem “cumprir as regras e expectativas sociais” de preservarem, a todo custo, o casamento e a família” (Suárez et al., 1999, p.298).

Conviver e, sobreviver a tanta violência na infância trouxe reflexos negativos para Ana. Por ser vista e, usada pelos homens como objeto, a própria Ana Clara passou a reificar o seu corpo. Ela pretende se casar com o noivo rico, para ascender socialmente, pois refere-se a ele sempre com desdém e repúdio. “Como vou sentir prazer com aquele escamoso” (AM, 37). Casar com um homem com dinheiro foi a solução encontrada por Ana Clara para apagar da memória todo o passado de violência e miséria que viveu ao lado da mãe. Em uma tentativa de recuperar a dignidade perdida na infância, a jovem usa o corpo como um atrativo, ela acredita que todos os seus padecimentos serão superados quando esses dias de glórias chegarem.

Federici (2004), ao analisar as condições históricas e sociais que levaram o corpo a se tornar elemento primordial para a constituição da feminilidade, aponta que:

Na sociedade capitalista, o corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência, na mesma medida em que o corpo feminino foi apropriado pelo Estado e pelos homens [...] para as mulheres o corpo pode ser tanto uma fonte de identidade quanto uma prisão. (FEDERICI, 2004, p.25).

Em consonância com o que pondera a autora, vemos exploração e resistência em Ana Clara. A menina usa o corpo para ressignificar sua condição social, ao mesmo tempo em que resiste cumprir o papel que a sua infância miserável e seu corpo reificado lhe reservaram. Ainda segundo Federici (2004, p.251, *apud* FOUCAULT, 1977, p.137.138):

Na filosofia mecanicista se percebe um novo espírito burguês, que calcula, classifica, faz distinções e degrada o corpo só para racionalizar suas faculdades, o que aponta não apenas para intensificar sua sujeição, mas também para maximizar sua utilidade social.

Nesse sentido, a personagem Ana Clara demonstra essa sujeição ao degradar seu corpo nas drogas e na exploração de sua beleza para ascender socialmente e, galgar prestígio social. Levada pelas circunstâncias, ela se torna mais uma vítima da sociedade que submete as mulheres ao domínio e sujeição do patriarcado.

A autora Sílvia Federici, contempla a importância do papel, que as feministas desempenharam em denunciar as estratégias de “exploração” “centrados no homem” para disciplinar e dominar o corpo feminino e, acrescenta que essa discussão foi de extrema importância para “confrontar a negatividade que acarreta a identificação de feminilidade com corporalidade” (p. 22).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crítica literária feminista, originária do movimento feminista, vem contribuindo de forma decisiva para a literatura de autoria feminina ganhar espaço relevante no campo literário. Nesse trabalho, procuramos evidenciar a importância da luta das mulheres, para a consolidação de sua escrita literária, bem como, evidenciar que os estereótipos dos papéis femininos construídos na literatura, já foram destituídos para dar vez a personagens que representam mulheres presentes em todos os espaços na sociedade.

A escrita de autoria feminina sempre existiu, no entanto, foi silenciada por muito tempo na história, pela sociedade patriarcal, que oprimiu as mulheres relegando-as sempre, o papel de submissa e subjugada. A partir do século XX, vemos então, importantes escritoras romperem estereótipos na literatura, com a consagração de obras importantes em que a mulher foi representada fora desses estereótipos.

A obra *As Meninas* de Lygia Fagundes Telles, representa um marco para a autora, pois retrata um momento histórico, de repressão e autoritarismo, pelo qual passava o Brasil. As protagonistas do romance; Lia, Lorena e Ana Clara, dialogam entre si, evidenciando, através de posicionamentos e questionamentos, as transformações que emergiam na sociedade, no final da década de 60 e 70 do século XX.

Durante toda a narrativa, fica perceptível que as meninas não conseguem resolver completamente seus dilemas, uma vez que estão inseridas em uma sociedade com uma ideologia que reserva papéis aos gêneros. Lorena passa o tempo todo no pensionato em seu quarto, aconselhando os amigos, porém, não toma grandes atitudes. A jovem se limita a sonhar e planejar seus encontros românticos. Ao final do romance, continua a esperar por uma decisão de M. N. em assumir um romance com ela e, decide voltar para a casa da mãe. Segundo Lia, caso não se posicione se sujeitará ao modo de vida planejado para ela, por sua mãe, que a vê como uma moça; pura, honesta e sensível.

Lia passa toda a narrativa dividida entre suas convicções como pessoa e, como mulher. Ela busca uma nova forma de viver a vida, com base nos papéis sociais que as mulheres vinham conquistando e ocupando, por isso, criticava os valores tradicionais. Em algumas situações, nos deparamos com uma Lia preconceituosa e tradicionalista, esbarrando em contradições tão pertinentes ao gênero feminino. Assim, sua trajetória foi marcada por um comportamento ambíguo. No final, temendo ser presa, decide viajar para a Argélia com o seu namorado, integrante de um grupo de militantes que, encontrava-se preso. Não obstante, a única coisa com

que Lia se preocupava nesse momento, era em agradar os pais, casando e formando uma família feliz.

A personagem Ana Clara, desde o início, destoa das outras personagens. Ela não está inserida na problematização dos papéis de gênero. Sua trajetória se configura através da marginalização que as drogas podem ocasionar. O seu envolvimento com drogas a fez imergir em um mundo de utopias. O final trágico da personagem reafirma sua fragilidade diante da violência que, acompanhou-a desde criança.

Lygia Fagundes Telles traz na narrativa, como marca da sua literatura, questões referentes aos papéis reservados ao gênero feminino, e suscita discussões acerca do posicionamento de cada uma das protagonistas que estão envolvidas em diversos impasses, ao discutirem sobre; decadência dos valores tradicionais, mudanças no comportamento sexual, participação política e oposição ao regime ditatorial, tortura e repressão e o uso de drogas.

A obra *As Meninas*, nos revela ainda, que mesmo diante das mudanças dos papéis sociais conquistadas pelas mulheres, existe uma dificuldade das próprias mulheres em aceitar essa posição de total libertação. Persiste uma tendência em julgar o comportamento alheio pela ótica do conservadorismo, talvez, imposto pela opressão sócioideológica, presente nas instituições sociais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M. H. T. de e WEISS, L. “Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar”. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *História da vida privada no Brasil*, v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- BAUMAM, Zigmunt. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BEAUVOIR, S. *O Segundo sexo*. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BERG, C. *Mecanismos do silêncio: expressões artísticas e censura no regime militar*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.
- BONNICI, T. e ZOLIN, L. O. (org.). *Crítica Feminista in: Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3ª ed. Maringá, 2009.
- CANDIDO, A. *Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes*. 3. Ed. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 1999.
- COSTA, A. A. A. O movimento feminista no Brasil: Dinâmica de uma intervenção política. *Niterói*, v. 5, n. 2, p. 9-35, 1. sem. 2005.
- COSTA, A. L. Não Identidade em *As Meninas*, de Lygia Fagundes Telles. 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/23044/1/AlexsandroLinoDaCostaDISSERT..pdf>>
- DALCASTAGNÈ, Regina. *O espaço da dor: o regime de 64 no romance brasileiro*. Brasília: Editora da UnB, 1996.
- GROSZ, E. Futuro feminista ou o futuro do pensamento. In: *Labrys*, estudos feministas, n.1-2, jul-dez.2002.
- FEDERICI, S. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Trad. Coletivo sycorax. 2004.
- LAJOLO, M. *Como e porque ler o romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- Leal, V. As escritoras contemporâneas e o campo literário brasileiro: Uma relação de gênero. 2008. Disponível em: <[https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3569/1/2008\\_VirginiaMariaVasconcelosLeal.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3569/1/2008_VirginiaMariaVasconcelosLeal.pdf)>.
- Leal, V. Encontros e desencontros discursivos em *As Meninas* de Lygia Fagundes Telles. 1999. Disponível em: <<https://www.gelbc.com/tesesdissertaes>>
- PINTO, C. Feminismo, história e poder. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

PINTO, L. E. S. O cinema brasileiro face à censura imposta pelo regime militar no Brasil – 1964/1988. Disponível em: < <http://www.memoriacinebr.com.br/>>.

REIMÃO, S. “Proíbo a publicação e circulação...”- censura a livros na ditadura militar. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v28n80/08>>.

SCHMDT, R. T. *Descentramentos/Convergências*: ensaios de crítica feminista. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2017.

SILVA, D. S. O indivíduo e as convenções coletivas em *As Meninas*. 2008. Disponível em: < [http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/2071/1/Dissertacao\\_IndividuoConvencoesColetivas.pdf](http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/2071/1/Dissertacao_IndividuoConvencoesColetivas.pdf). >

SILVEIRA, M.D. “Mística Feminina”: Uma crítica do passado? *Revista Raízes no Direito*. Faculdade Raízes, Anápolis, v. 8, n. 1, p. 159-169, jan. /jul. 2019.

SOUZA, E.; BALDWIN, J. R.; ROSA, F. H. A construção social dos papéis sexuais femininos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2000, 13 (3), pp. 485 – 496.

SUÁREZ, M.; MACHADO, L. Z. & BANDEIRA, L. 1999. Violência, sexualidade e saúde reprodutiva. In: *Saúde Sexual e Reprodutiva no Brasil – Dilemas e Desafios*. (L. Galvão e J. Diaz, orgs.), pp.277-309, São Paulo: Editora Hucitec e Population Council.

TELLES, L. F. *As Meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VIANNA, L. H. Poética feminista – Poética da memória. In: COSTA, C. L. e SCHMIDT, S. P. (orgs.). *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004.